

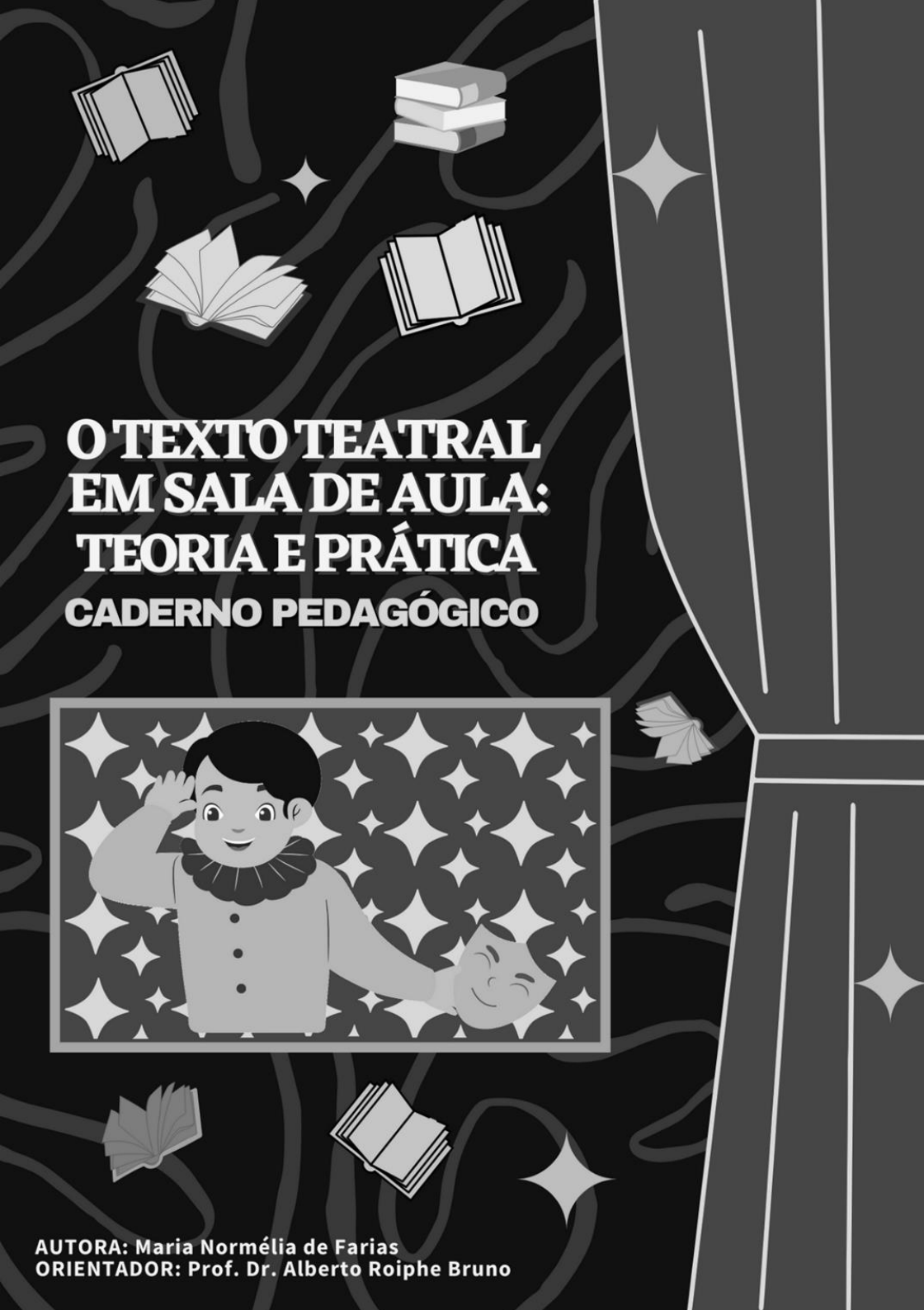
The background is a dark purple with a swirling pattern. It is decorated with several floating books: a green one in the top left, a stack of three (teal, white, blue) in the top center, a white one with a blue cover in the middle left, and a yellow one in the middle right. There are also yellow four-pointed stars scattered around. On the right side, there is a large red curtain with yellow vertical lines and a yellow star. A small pink flower is also visible near the curtain.

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

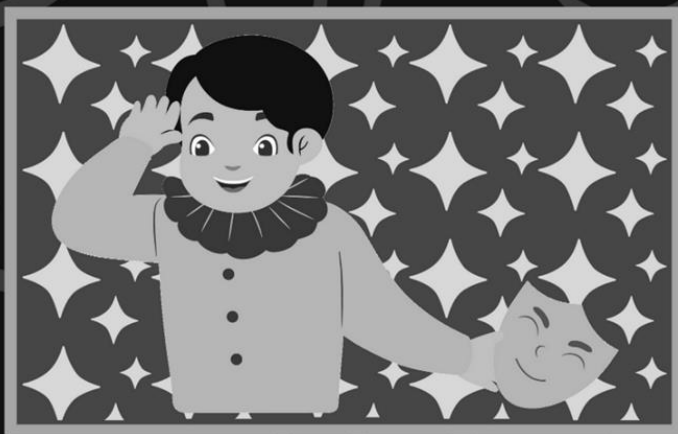
CADERNO PEDAGÓGICO



AUTORA: Maria Normélia de Farias
ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno



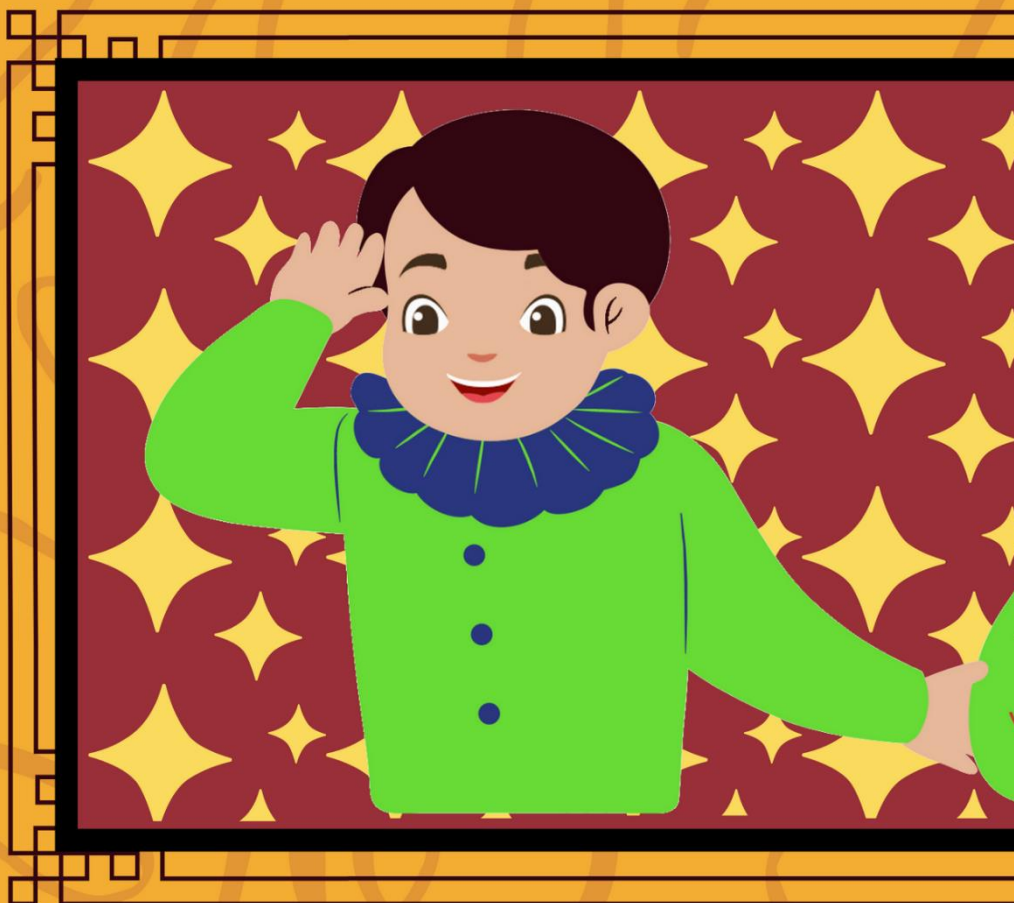
O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA CADERNO PEDAGÓGICO



AUTORA: Maria Normélia de Farias
ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno



**O TEXTO TEATRAL
EM SALA DE AULA:
TEORIA E PRÁTICA
CADERNO PEDAGÓGICO**





Apresentação

Caro colega professor(a),

Este caderno de atividades propõe a leitura do texto teatral, com intuito de levar o teatro como literatura à escola. É resultado de diversas reflexões e diálogos durante o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS) e é um convite para que você, professor(a) de Língua Portuguesa, leve a leitura e o fazer teatral à sala de aula por meio do texto teatral, envolvendo-se e encantando os estudantes nessa magia que torna o aprendizado mais convidativo, prazeroso e dinâmico.

Convido-o(a) a abrir as cortinas/páginas do texto teatral e ser guia a orientar seus alunos nas cenas teatrais, no palco diário da sala de aula e, nessa aventura literária do texto associado à dramaticidade, vivenciar seus pupilos tirando a máscara do anonimato, deixando de serem meros espectadores para se transformarem protagonistas no processo de ensino/aprendizagem.





Conhecedora da força transformadora que o fazer teatral tem na vida daqueles que adentram no universo das suas palavras e ações, proponho que vivencie essa experiência com seus alunos, contribuindo na formação/transformação de seres mais confiantes em si mesmos, criativos, colaborativos, emotivos e que respeitam as diferenças.

Em sala de aula, em nossa prática pedagógica, quantas vezes nos tornamos atrizes e atores a chamar a atenção dos estudantes no processo de ensino/aprendizagem? Quantas vezes nas festas comemorativas da escola nos tornamos diretores para “montar” uma peça teatral a ser apresentada pelos discentes? Fazemos então, dessa prática esporádica e festiva, um exercício constante nos planejamentos de leitura, abraçando o texto teatral com seus elementos constitutivos, colocando-o no seu lugar de direito e vivenciará a arte do encontro, do doar-se, do receber, do compartilhar, do realizar-se que o teatro possibilita.

Neste Caderno, elaborado por mim, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno, apresento o texto de teatro ***Coeteris Paribus***, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto. Um texto que envolverá o aluno nas questões sociais, incentivando-o a se questionar sobre seu papel como cidadão, com seus direitos e deveres. Estruturado em forma de uma sequência de cenas, distribuídas em 11 aulas, mas que podem ser executadas em mais





tempo, a depender da realidade pedagógica de cada um. Em que, você, professor(a), de forma lúdica e criativa, estará desenvolvendo atividades de leitura em sala de aula de modo que o aluno se sentirá motivado a se encantar com o texto literário, quebrando o mito de que a leitura é algo difícil, desagradável e tediosa. Irá motivá-lo a compreender que a leitura pode ser o fio de Ariadne que o conduzirá a vencer o Minotauro das dificuldades socioculturais, podendo alçar voos, sem que as asas de seus sonhos sejam derretidas ao sabor das adversidades; promovendo, assim, o encontro do aluno com o texto literário de forma apaixonante para que possa usufruir da força motivadora que o texto teatral, posto em prática, possui.

Para isso, apresento este material, em forma de Caderno, motivada pelas minhas experiências no teatro como atriz e da importância transformadora que o teatro teve na minha vida. É como poder abrir janelas a iluminar a “escuridão” da timidez, do medo, da insegurança, do preconceito, da incerteza de um futuro mais digno. Fruto, também, do meu viver em sala de aula como professora de Língua Portuguesa. Pois, trabalhar o texto teatral em sala de aula, por meio do teatro, é dar oportunidade aos alunos de se sentirem aceitos, incluídos, respeitados, capazes e valorizados. É dar-lhes voz respeitando a voz do outro. É tirá-los de detrás das coxias e trazê-los para o prosscênio, centro do palco



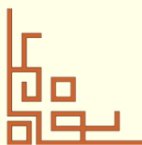


de suas vidas como protagonistas, aprendendo a lidar com as diversidades em meio às adversidades.

Caro(a) colega, abraça o texto teatral em sala de aula. Apresente-o aos alunos, deixe as palavras tornarem-se ações por meio do teatro e descubra as maravilhas que eles oferecem no processo de ensino-aprendizagem.

Boa viagem nessa leitura fantástica ao encontro do saber, por meio do fazer teatral!

Maria Normélia de Farias



SUMÁRIO

1. Texto teatral e teatro: dialogando com as bases teóricas	10
2. Uma conversa inicial sobre o texto de teatro em sala de aula	18
3. O protagonismo do texto teatral <i>Coeteris Paribus</i> de Cícero Alberto	22
4. Cenas em ação	26
4.1 CENA I – Proposta de leitura com o texto teatral	27
4.2 CENA II – Os gêneros literários na prática	30
4.3 CENA III – Conhecer brincando o texto teatral	36
4.4 CENA IV – Viver na prática o texto teatral	46
4.5 CENA V – Alunos protagonistas do aprender fazendo	50
5. Palavras finais	53
Referências	55
Glossário	59
Anexos	60
<i>Coeteris Paribus</i>	61



Ilustração feita com elementos do canva.com





1.

**TEXTO TEATRAL E TEATRO:
DIALOGANDO COM AS BASES
TEÓRICAS**



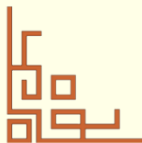
1.

T

TEXTO TEATRAL E TEATRO: DIALOGANDO COM AS BASES TEÓRICAS

Ao longo do tempo muitas têm sido as discussões a respeito das questões que norteiam o impacto que o alunado tem ao se deparar com a leitura do texto literário, com sua linguagem multifacetada. Uma leitura que exige do leitor maior atenção, envolvimento com o texto e uma relação de intimidade, entrega, descobrimento de si e de mundo, visto que a literatura se constitui em uma expressão artística que reflete toda a complexidade do ser humano, o seu mundo e as suas relações existenciais; por isso, ser relevante evidenciar a importância do estudo do texto literário nas séries finais do ensino fundamental. Segundo Todorov (2009, p. 76):

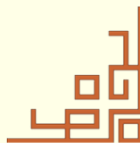
A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver [...] ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.





Esse poder que emana da literatura pode ser vivenciado em sala de aula quando o texto teatral é estudado em seu contexto, apresentando-se, como todo texto literário, um objeto misterioso, enigmático, fascinante e, por que não dizer, essencial na formação do estudante/cidadão, que por meio do trabalho com a linguagem, do prazer estético, a criatividade será estimulada, o trabalho coletivo se fará presente, tirando o aluno do ostracismo social, da timidez mascarada pelo silêncio na sala de aula, contribuindo para a formação de novas mentalidades e, assim, serão percebidos os resultados positivos ao ser estabelecida uma relação harmoniosa entre alunos e leitura do texto literário.

Por constatar a animosidade, por parte dos alunos, com relação à leitura do texto literário, propomos, neste Caderno, um trabalho em sala de aula com o texto teatral e seus elementos constitutivos, por apresentar uma dinâmica que envolverá o estudante. Para Ryngaert (1996, p. 35) “Toda obra dramática pode ser apreendida, em primeiro lugar, na sua materialidade, no modo como a sua organização de superfície se apresenta sob forma de obra escrita”. Ao estudar os elementos constitutivos do texto: rubrica, personagem, ações, cena, espaço e tempo, o leitor sentirá necessidade de desvendar o que as palavras postas no texto estão querendo dizer e, assim, envolver-se na trama. Ao adentrar no universo das personagens, o aluno poderá se tornar suscetível às emoções que pululam no texto e conceitos estabelecidos serão questionados, assim, estarão propensos a aceitarem a diversidade e pluralidade que fazem parte das relações sociais.





Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 24) afirmam que “é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada” e de que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Embora percebamos a afirmativa de que o texto é a mola mestra para desenvolver a competência discursiva e leitores letrados, formando mentes críticas e reflexivas, o que se percebe no âmbito escolar é que o texto teatral não vem sendo privilegiado, mesmo correspondendo ao solicitado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* - PCN. Texto que vai além da competência discursiva por possibilitar participação significativa e crítica, interação, socialização, maior subjetividade, propiciando ao aluno interferir no processo de construção de sentidos.

No processo de leitura, é essencial que haja empatia entre aluno e texto. Escrita que faça o leitor sentir prazer ao ler e que se sinta motivado a questionar, expondo seu ponto de vista. Barthes (2015, p.20) afirma ser o

Texto de prazer: aquele que contenta, enche de euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em





estado de perda, aquele que desconforta [...], faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças [...]

Logo, podemos afirmar que a leitura do texto teatral, alinhada à prática do teatro na escola, promove prazer e fruição a partir do momento que o discente se envolve na escrita do texto, rompendo as barreiras de uma leitura mecânica, exercendo a leitura em voz alta, “uma abordagem do texto negligenciada [...] trata-se, no entanto de um exercício precioso”. (RYNGAERT, 1996, p. 49). Que nossos alunos usufruam dessa prática não se limitando a uma leitura solitária, afinal, toda palavra espera ser pronunciada e todo texto busca ser lido e ouvido. Deixemos nossos pupilos tornarem-se cocriadores a partir das muitas possibilidades de interpretações e do agir teatral, dando vazão ao seu poder de criação, inferindo, de forma a revelarem o conhecimento adquirido, rumo à formação de leitores em potencial. Sejam eles “O leitor como agente que confere ao texto a textura no exato momento em que a leitura ocorre” (VIDOR, 2016, p. 87). E que preencham, por meio de suas leituras, os espaços supostamente em branco presentes no texto e, assim, interajam com as situações de aprendizagem que o texto teatral oferece e se posicionarem como seres agentes perante o mundo em que vivem.

Estudar os elementos constitutivos do texto teatral, dando-lhes forma por meio do teatro em sala de aula, é oferecer, aos estudantes, aulas mais dinâmicas, criativas, visto ser o teatro a arte das possibilidades como afirma Betti (2002, p. 04) “O teatro vive dessa





infinita variedade de possibilidades e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de sua reprodução mecânica”. Por isso, ter como prática pedagógica o teatro em sala de aula é dar oportunidade aos aprendizes de assimilarem o conhecimento sem o mecanismo tríplice das aulas tradicionais: quadro/piloto/livro didático.

O aluno irá aprender fazendo e se sentirá mais seguro para expor suas opiniões e colocar em prática suas habilidades com olhar crítico, fruto do poder transformador que o teatro exerce naqueles que têm o privilégio de viajarem nesse universo que, nas palavras de Vidor (2016, p. 83) “[...] é a travessia de uma matéria textual no corpo do ator e que é perscrutada pelo espectador [...]”. Deixemos, então, que nosso aluno leitor/ator atravesse esse mar de Ulisses e navegue nos encantos e surpresas que o texto teatral e o teatro oferecem e coloquemos em prática o que sugere a *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC (BRASIL, 2018, p. 159):

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.





Dessa forma, espera-se que a escola seja o palco por onde personagens, falas, corpos, sons, cores e formas saltem do texto ao encontro do aluno para juntos interagirem numa doação recíproca do ensinar e do aprender. De acordo com Antoine Vitez (apud RYNGAERT,1998, p. 196–197)

O teatro é uma espécie de celacanto. Então, é preciso conservá-lo. [...] É verdade que uma das funções do teatro, e não a menor, é ter de falar do Passado, restabelecer a memória do Passado; ser o lugar de conservação, no sentido próprio. [...]

Por isso, não deixemos que essa arte que invoca ação, criatividade e alteridade se extingue das salas de aula. Conservá-la é não deixar que a nossa história escrita no passado se desfaça nas linhas do esquecimento. Faz-se necessário mantê-la viva no chão da escola a realizar-se em meio a alegria e a energia pulsantes dos alunos, ajudando-os a lidarem com seus medos, anseios, timidez, sonhos e frustrações, de forma a enriquecerem suas próprias experiências de vida, assim como é um dos fatores importantes no desenvolvimento cognitivo e formação cultural.

Este Caderno propõe o estudo do texto teatral *Coeteris Paribus*, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto, com propostas para trabalhar com alunos do nono ano, mas que pode se estender aos demais anos do ensino fundamental e médio. Estruturado em cinco cenas, os elementos constitutivos são estudados e vivenciados por meio de jogos teatrais, por concordar com Alberto Roiphe, quando afirma que no jogo “os



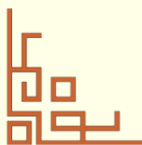


grupos permitem-se buscar o conhecimento com entusiasmo.” (ROIPHE, 2020, p. 12). É uma atividade que, como o teatro, é vivenciada coletivamente em que, de forma prazerosa o aprender vai se construindo, uma vez que o “Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo.”(SPOLIN, 2010, p. 3).

Dessa forma, com o intuito de contribuir na formação de leitores literários proficientes, propomos o estudo do texto teatral e seus elementos constitutivos de forma dinâmica, coletiva, prazerosa, criativa, por meio do teatro, de forma a incentivar o alunado a abrir as cortinas que envolvem o estudo, agindo na própria aprendizagem, para receber os aplausos no palco do conhecimento, como personagem principal.



Ilustração feita com elementos do canva.com





2.

**UMA CONVERSA INICIAL
SOBRE O TEXTO DE TEATRO
EM SALA DE AULA**



2.

UMA CONVERSA INICIAL SOBRE O TEXTO DE TEATRO EM SALA DE AULA

Prezado(a) professor(a)!

Ser mediador em um processo de aprendizagem por meio do texto teatral e práticas teatrais, no qual o aluno é o protagonista da cena, é um prazer incalculável, pois estará contribuindo para que o estudante, no encontro com a arte contida no texto teatral, tenha a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer suas próprias experiências de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

O acesso ao aprendizado, mesmo com todos os seus desafios, será prazeroso, em que teoria e prática se juntam para despertar nos estudantes o gosto pela leitura, transformando-os em leitores críticos e autônomos.

Trabalhar o texto teatral por meio de jogos teatrais é proporcionar contato com conhecimentos que vão além dos conteúdos didáticos. É uma prática pedagógica que amplia o leque de aprendizado do alunado, conhecendo a si e o outro, aceitando as diferenças.

Nossa proposta de atividades com o texto teatral está organizada em uma sequência de cenas alinhadas às competências





específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental 7, 8 e 9 da BNCC, assim como algumas habilidades que estarão descritas no decorrer das atividades. O objetivo é proporcionar aos discentes condições para identificarem os elementos que compõem o texto, suas características e funções, em que teoria e prática caminharão juntas na realização das atividades e, com isso, motivar a improvisação, a oralidade, trabalho em grupo e a criatividade dos alunos, a fim de que eles consigam perceber os possíveis sentidos que o texto apresenta:

- **HABILIDADES ESPECÍFICAS:**



7 Reconhecer o texto como lugar de manifestação de valores e ideologias.



8 Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos e interesses pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.)



9 Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Ilustração feita com elementos do canva.com





Por meio de uma leitura emancipadora, os estudantes conhecerão as características dos gêneros épico, lírico e dramático, assim como os elementos do texto teatral: rubricas ou didascálias de ação, interpretação e de espaço; cenas, espaço cênico e espaço dramático; tempo cênico e tempo dramático e as personagens protagonista e antagonistas, em que os discentes serão o foco das dinâmicas propostas, agindo como agentes do conhecimento adquirido de forma efetiva e afetiva.

O desenvolvimento das cenas segue proposta de práticas teatrais, visto ser a teatralidade inerente ao ser humano. Desde os primórdios que o teatro faz parte da história humana: no culto ao deus Dionísio, nos rituais de sacrifício aos deuses, nas festas das colheitas, para entretenimento nas cortes e nos primeiros ensinamentos jesuítcos nas terras brasileiras.

O teatro faz parte do ser humano-ator que veste as máscaras apropriadas para cada momento que exige comportamentos diferenciados. Somos atores no palco itinerante de nossas vidas a representar os vários papéis que nos são exigidos pelas entidades sociais e só nos despimos quando sozinhos, no camarim do nosso interior, em que não se fazem visíveis as plateias exigentes dos nossos atos e fala.

Por fim, esperamos que esta semente lançada em forma de Caderno Pedagógico encontre terras férteis e produza frutos maravilhosos nesta seara da aprendizagem.



3.

O PROTAGONISMO DO TEXTO TEATRAL *COETERIS PARIBUS* DE CÍCERO ALBERTO





3.



PROTAGONISMO DO TEXTO TEATRAL *COETERIS PARIBUS* DE CÍCERO ALBERTO

Coeteris Paribus é um texto que foi escrito em 1983 pelo dramaturgo sergipano Cícero Alberto, um dos artistas locais mais versátil na arte teatral. Professor de História, de teatro, diretor, ator, dramaturgo, sonoplasta, cenógrafo, figurinista e formador de diversos atores e atrizes em Sergipe, desenvolvendo concepções diversas de encenação no teatro sergipano. Afirma não ter um estilo definido por não querer se sentir preso, adequando-se aos estilos que foram surgindo ao longo do tempo, mas sempre esteve presente em suas obras, sejam comédias ou dramas, o teor político, questionador, com uma linguagem cheia de lirismo e encanto.

Um texto que teve o olhar da censura direcionado para ele, por apresentar na trama a rebelião contra a tirania do poder constituído e da desigualdade social combatida sob a liderança da personagem Titus. É uma escrita que traz a atemporalidade, característica de uma obra literária, ao mostrar no Brasil de 1983 os conflitos social, político e econômico semelhantes aos da atualidade.





Coeteris Paribus é a comprovação da veia política presente em suas obras. Escrita em 1983 para ser encenada por alunos de uma escola privada de Aracaju, aborda uma temática que ultrapassa o tempo e se torna atual como a situação de vulnerabilidade do ser humano perante um grupo social que o explora.

Aborda a importância da união de uma coletividade em prol de um bem maior, proposta que já vem explícita no título: ***Coeteris Paribus*** que em latim significa “todos juntos” ou “todos iguais”. Uma analogia de que a união de um povo pode mudar a história de um país.

Utilizando uma linguagem simples, poética, cheia de lirismo, com pitadas de humor, leva o leitor ao mundo das palavras literárias, como nos revelam as falas das personagens PERSONA III e PERSONA VI ao fazerem alusões à criação do homem, família e sociedade.

PERSONA III – E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começou o grande conflito da existência e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças. (ALBERTO, 1983, p. 1)

PERSONA VI – A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sede. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida. (ALBERTO, 1983, p. 1-2)

No decorrer do texto, os conflitos, sofrimentos e caráter das personagens vão sendo revelados, prevalecendo no final a justiça, a paz





e a vitória do bem, instauradas pelo discernimento, senso de coletividade, amor ao próximo e desejo de vida digna, da personagem líder TITUS.

É uma obra que tem seu ponto alto na proposta de que uma sociedade caótica só pode mudar se todos estiverem unidos, organizados em torno de um interesse comum. Uma sociedade em que o amor pelo poder e pelo dinheiro não seja maior que o respeito pelo direito que todos têm de viver dignamente sua liberdade, deixando uma mensagem bastante significativa:

PERSONA IV – A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas. (ALBERTO, 1983, P. 15)

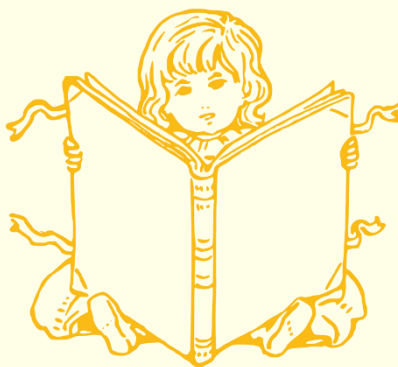
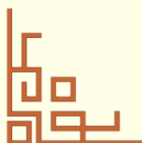


Ilustração feita com elementos do canca.com



4.

CENAS EM AÇÃO



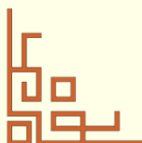


4. CENAS EM AÇÃO

4.1 CENA I – PROPOSTA DE LEITURA COM O TEXTO TEATRAL



Ilustração feita com elementos do canva.com





Professor(a),

Neste primeiro momento, em uma conversa informal, apresente aos alunos a proposta de desenvolverem um projeto que terá como foco a leitura oralizada e o estudo dos elementos composicionais de um texto teatral escrito por um autor sergipano e que será associada teoria à prática nas atividades executadas, pois contribuirá para melhorar a capacidade leitora de cada um e que eles poderão colocar em prática suas habilidades artísticas.

É importante que, em seguida, haja um diálogo para discutirem sobre a possibilidade de apresentarem, por meio de uma mostra, o resultado do trabalho para os demais alunos, parentes, equipe diretiva, funcionários e professores; com confecção de painel com fotos tiradas durante a realização das tarefas, criação de cenários, caracterização de personagens e montagens de cenas. Deixe-os participar desse momento solicitando ideias para a realização do projeto. Isso irá incentivá-los à leitura e motivá-los a expressarem os conhecimentos artísticos, assim como irá melhorar a convivência afetiva ao trabalharem coletivamente em um ambiente alegre, dinâmico, despertando expectativas e interesse para a próxima cena.





HABILIDADE DA BNCC

(EF89LP20) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder compreender e posicionar-se criticamente sobre os dados e informações usados em fundamentação de propostas e analisar a coerência entre os elementos, de forma a tomar decisões fundamentadas. (BRASIL, 2018, p. 183)

Tempo proposto para execução: uma aula.

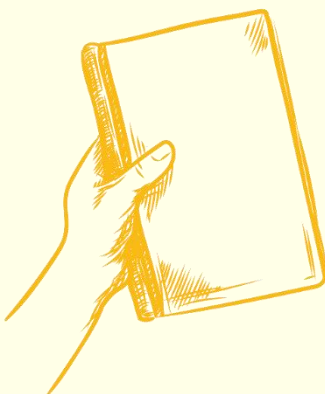
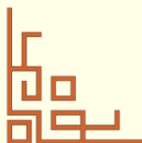


Ilustração feita com elementos do canva.com





4.2 CENA II – OS GÊNEROS LITERÁRIOS NA PRÁTICA



Ilustração feita com elementos do canva.com





Professor(a),

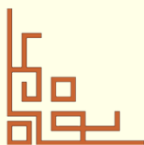
Para facilitar a execução das atividades que serão solicitadas, dividir a turma em três grupos é uma ótima solução. Levar exemplos impressos de gêneros épico, lírico e dramático para que sejam sorteados com os grupos, demonstrará o exercício da democracia com a participação de todos e, quando solicitar para que façam uma leitura e para que observem a forma como os textos são estruturados: prosa, verso e diálogo, os alunos não irão questionar favoritismo, visto que as atividades terão sido realizadas de forma democrática.

Após cada leitura, desafie os alunos a compararem a estrutura dos gêneros que serão trabalhados, apontando as especificidades de cada um e, ao iniciar as atividades, eles estarão mais integrados e mais participativos.

Os alunos do grupo um escolherão uma pessoa do seu convívio, ou da história local ou nacional que mereça ter sua vida retratada em uma obra épica e peça para que eles conversem entre si e digam quais ações tornam essa pessoa escolhida um herói.

O grupo dois escolherá uma poesia ou letra de uma música para ser dedicada a uma pessoa escolhida pelo grupo e deve explicar o porquê dessa pessoa merecer essa homenagem.

O grupo três vai contar, de forma expressiva, uma cena da vida de um aluno do grupo escolhido por eles, ou de alguém conhecido. Para executar essa tarefa, é fundamental que se dê um tempo para que o





grupo faça a composição da cena e possa, de forma improvisada, apresentar aos demais da sala.

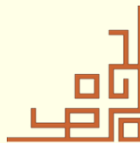
Professor(a), antes dos alunos executarem as tarefas uma sugestão é que ocorra um momento de descontração com exercícios de relaxamento-esquentamento como:

a) Todos os alunos de olhos fechados e sentados de forma ereta e confortável inspirarem e expirarem calmamente explorando mentalmente cada parte do corpo, conhecendo-o e amando o que veem;

b) Todos de pé, farão movimentos livres caminhando por todo o espaço da sala. Deixe as cadeiras em círculo para ter mais espaço livre. Para que eles não percam a concentração, é interessante combinar antes um tipo de comando que será dado para que eles percebam que um outro exercício estará sendo solicitado;

c) Proposta de sequência de comandos: 1 – caminharem pela sala normalmente, 2 – ficarem estáticos como estátuas, 3 – caminharem como bonecos duros, como bonecos moles e, por último, que executem os movimentos de um animal de livre escolha.

Esses exercícios possibilitarão melhor identificação do espaço, descontração, reconhecimento do corpo em suas possibilidades de movimento, aceitação, favorecendo também a imaginação, espontaneidade, criatividade, desenvolvendo nos aprendizes a autoexpressão.





Como atividade para casa, entregar a cada aluno uma cópia do texto teatral ***Coeteris Paribus*** para ser feita uma leitura e que cada um escolha uma personagem com a qual mais se identificara e caracterize esse ser fictício. Solicite também que escolha uma ação dessa personagem que mais tenha lhe chamado a atenção. Para o próximo encontro com o texto teatral, é muito importante que os estudantes estejam vestidos de forma confortável. Pode ser a roupa de Educação Física ou outra que eles tenham em casa. Nesta aula será a vez de caracterizar as personagens e o ideal é que os discentes tenham em casa os materiais a serem trabalhados e que a escola também possa disponibilizar como bola de assopro para o exercício de dicção, algumas peças de roupa, bijuterias, maquiagem para que eles exerçam o poder de criação ao caracterizarem as personagens. Aproveite esse momento de descontração e criatividade para explicar o que são personagens protagonistas e antagonistas.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e





estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.(BRASIL, 2018, p. 187).

(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc. (BRASIL, 2018, p. 187).

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e





pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão. (BRASIL, 2018, p. 161).

Sugestões de leituras:

1 – ÉPICO:

Odisseia, de Homero;

A Divina Comédia, de Dante Alighieri;

A Ilíada, de Homero.

2 – LÍRICO:

(poesia): *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes;

De Camões a Pessoa, org. Douglas Tufano;

(músicas): “Trem bala”, de Ana Vilela;

“Ouvi dizer”, “Peça felicidade”, “Relax”, dos irmãos Melim;

“Pais e filhos”, “Tempo perdido”, “Eduardo e Mônica”, “Que país é este”, “Faroeste caboclo”, “Monte Castelo”, de Legião Urbana.

3 – DRAMÁTICO:

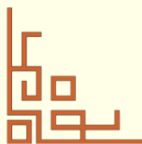
O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna;

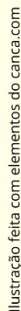
O Santo e a porca, de Ariano Suassuna;

Pluft, O Fantasminha, de Maria Clara Machado;

Eles não usam Black-Tie, de Gianfrancesco Guarnieri.

Tempo proposto para execução: duas aulas.







Professor(a),

É o momento de vivenciar o texto teatral por meio de exercícios inerentes ao teatro. Os alunos serão envolvidos e seduzidos pelas atividades da arte teatral apresentadas aqui como sugestões.

Essa cena está dividida em cinco momentos e tem a proposta de ser executada em três aulas, mas a depender da realidade pedagógica em que está inserido(a) pode desenvolvê-la em mais aulas.

PRIMEIRO MOMENTO:

Inicialmente é conveniente orientar seus alunos a se sentarem em posição de yoga e a fazerem o exercício de respiração torácica e diafragmática para ajudar na dicção e relaxamento no momento da leitura do texto. É interessante que esse exercício seja acompanhado por um fundo musical harmonioso.

Após o relaxamento, é a hora de lerem uma cena do texto com o lápis entre os dentes. Organizar os alunos em grupo facilitará a realização da leitura das cenas por cada equipe e, assim, todos terão a oportunidade de participarem da atividade.

Logo depois, cada aluno irá encher a bola de assopro e em seguida, soltando o ar, fazer a leitura das falas de uma personagem. Essa atividade poderá causar riso nos demais, por isso é importante orientá-los a se comportarem de forma a não prejudicarem a concentração de quem estará lendo.





A seguir, podem ficar organizados em um grande círculo, sentados de forma alternada: uns de frente para o círculo e outros de costas. Após estarem organizados, recomenda-se dar início à leitura do texto ***Coeteris Paribus***. Os estudantes que estarão de frente para o círculo farão a leitura e os outros que estarão de costas, com os olhos fechados, a um comando seu, dirão a quem pertence a voz, exercitando, dessa forma, a concentração por meio da percepção.

SEGUNDO MOMENTO:

Continuando ainda com a leitura do texto, é interessante que os estudantes que estarão de costas para o círculo façam a leitura em blablação, imitando sons ao invés de palavras e os que estarão de frente para o círculo deem continuidade à leitura normalmente de onde o colega parou, a cada comando seu, professor(a).

Esse exercício contribuirá para identificação do ritmo das palavras, das pausas, das entonações, estimulando a concentração.

TERCEIRO MOMENTO:

Agora é o momento de exercitar a imaginação e a criatividade dos alunos!

Professor(a), esse momento será dedicado ao estudo da personagem. Permita que seus alunos adentrem no mundo fictício





pedindo para eles, usando de imaginação e afetividade, criarem uma história que envolva o passado, o presente e o futuro da personagem com a qual mais se identificaram no texto e projetem essa identificação por meio de uma descrição física e psicológica.

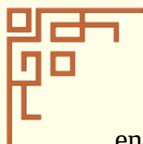
ORIENTAR SEUS ALUNOS DANDO ALGUMAS DICAS, É MUITO IMPORTANTE!



- a) Como é o andar da sua personagem? E o olhar?
- b) Como se comporta? O que gosta? O que não gosta?
- c) Coloque-se no lugar dela. Busque internamente experiências próprias.
- d) Sinta as emoções da sua personagem e dê-lhe uma identidade, uma existência.

Após feita a descrição, é a vez deles explicarem porque escolheram determinada personagem e se ela é protagonista ou antagonista. Em seguida, utilizando os materiais solicitados na aula anterior, será a hora dos alunos se caracterizarem fisicamente com a personagem escolhida, sendo orientados de que a caracterização deve estar coerente com as orientações das didascálias presentes no texto. Assim, estará possibilitando aos alunos, perceberem a relação existente





entre o texto e as cenas e das possibilidades de interpretação do ator e de concepções de direção.

Para a caracterização psicológica, escolher uma ação da personagem que dê uma pista para que possam utilizar um adereço que simbolize um traço da personalidade desse ser fictício, é um recurso para que os alunos entendam, por meio da prática, o que são ações e características psicológicas.

Com isso, professor(a), será estabelecida uma relação de intimidade que resultará em uma leitura cheia de emoções, expressividade, em que o ato de se colocar no lugar do outro contribuirá para a formação de seres mais compreensivos, respeitosos e mais humanizados.



Ilustração feita com elementos do canva.com





- TEMPO
- ESPAÇO
- PERSONAGENS



Para a realização desse momento, sugere-se a criação de uma caixa de madeira decorada externamente com figuras que representem a leitura, os elementos composicionais do texto teatral e o teatro, que deverão ser levados para a sala de aula.

O objetivo da caixa de madeira nessa aula é conter cartões com passagens do texto *Coeteris Paribus*, para serem sorteados pelos grupos. Nesses cartões estarão escritas as rubricas presentes no texto e os alunos irão identificar se elas são de ação, interpretação ou de espaço. Feitos os sorteios, agora é a hora de irem para a prática, direcionando seus pupilos nos seguintes exercícios:

a) Se a rubrica for de ação, os alunos do grupo devem ficar de frente um para o outro e farão o exercício do espelho: um fará movimentos e o outro imitará;

b) Se a didascália for de interpretação, o grupo fará a leitura oralizada de uma cena do texto obedecendo os seguintes passos:

- 1 – Ler como se estivesse contando um segredo;
- 2 – Piscando os olhos;
- 3 – Gaguejando;
- 4 – Fazendo careta;
- 5 – Sentindo dor de dente;
- 6 – Tendo crise de riso;
- 7 – Cantando;
- 8 – Caminhando rápido;
- 9 – Caminhando em câmera lenta;





10 – Dançando.

c) Se a rubrica for de espaço, uma proposta é solicitar à equipe para lembrar cenas de um filme ou um lugar conhecido que tenha ambiente igual ou semelhante ao cenário do texto ***Coeteris Paribus*** e apresente por meio de mímica. Os colegas irão adivinhar qual é o filme ou o lugar e avaliarão se está coerente com a cena sorteada.

Com essa atividade, os aprendizes irão perceber a presença de cenas na construção do texto teatral e irão assimilar esse conhecimento de forma prazerosa e criativa.

QUINTO MOMENTO:

Professor(a),

Ao término dos jogos teatrais, solicite aos educandos que façam uma leitura de todo o texto teatral, colocando em prática a linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal, gestual e emancipadora trabalhada nos exercícios anteriores.

Será gratificante perceber que a leitura oralizada se revelará diferente, com emoção necessária para que seja observada, pelos ouvintes, a verdade das personagens, porque estas foram individualizadas quando caracterizadas, inseridas em um espaço determinado de sua vida fictícia. O aluno-leitor, no ato da leitura,





expressará os sentimentos desses seres fictícios, propiciando o encontro com o texto teatral de forma hábil e prazerosa.

Dando continuidade a esse quinto momento, após a leitura do texto, de forma descontraída, promover um momento de socialização do conhecimento é incentivar os estudantes a falarem sobre o que acharam das dinâmicas e o que aprenderam dos elementos composicionais do texto apresentados nessa cena.

Para concluir, peça que levem para o próximo encontro com o texto e práticas teatrais lápis de cor, cartolina, papel madeira, papelão, cola, tesoura, fita adesiva, cestos, jornais, revistas, cabo de vassoura, pedaços de tecidos, linha, agulha, papéis coloridos, galhos e folhas de árvores e o que tiverem em casa que possam ser utilizados para a criação de cenários.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.(BRASIL, 2018, p. 146)



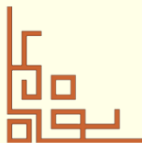


(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.(BRASIL, 2018, p. 159)

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação. (BRASIL, 2018, p. 159)

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.(BRASIL, 2018, p. 185)

Tempo proposto para execução: três aulas





4.4 CENA IV: VIVER NA PRÁTICA O TEXTO TEATRAL

Professor(a),

Essa cena está dividida em dois momentos nos quais são propostos o encontro do autor da obra com os alunos e criação de cenários situados no tempo e espaço.

PRIMEIRO MOMENTO:

Esse primeiro momento será dedicado a um diálogo entre alunos e o autor do texto escolhido para trabalhar. No caso deste Caderno com propostas pedagógicas, o texto escolhido foi ***Coeteris Paribus***, do autor sergipano Cícero Alberto, por ter uma temática atual, próxima à realidade dos alunos e que instigará os estudantes a se posicionarem criticamente frente aos temas abordados.

A visita do autor se dará nesse momento para que haja participação mais efetiva dos alunos, de forma que seja possível observar a satisfação do escritor em ver as possíveis interpretações que sua obra desperta no leitor. Para que isso aconteça, será necessário que os discentes tenham conhecimento melhor do texto, suas personagens e se sintam aptos a fazerem inferências, sentindo-se coautores nos sentidos do texto. Sem esse conhecimento prévio, pode não haver a interação desejada entre leitor/texto/autor.





Antes desse encontro, será de grande valia que uma conversa com os alunos seja realizada para saber o que eles gostariam de perguntar e para direcioná-los na elaboração das perguntas sobre as personagens, o figurino, o cenário, a temática e sobre o processo de criação do autor. É interessante que os estudantes sejam orientados sobre o tempo de fala de cada um. Enquanto um falar, os outros escutarão e esperarão a sua vez, em uma alternância harmoniosa das falas.

Caro(a) colega, se não for possível haver o encontro entre alunos e autor do texto escolhido, é interessante chamar alguém que possa ter esse diálogo com os estudantes, pois é importante que eles tenham um outro olhar sobre o texto que não seja o do(a) professor(a) e dos colegas. Esse encontro motivará a se empenharem mais no estudo da obra escolhida.

SEGUNDO MOMENTO:

Antes da realização desse momento, professor(a), recomenda-se a seleção de cenas do texto para serem levadas à sala de aula dentro da caixa mágica. A mesma utilizada no quinto momento da cena 3 (três).

Cada grupo sorteará uma cena do texto que estará na caixa e, com os materiais solicitados no encontro anterior, os alunos criarão cenários de acordo com a criatividade de cada participante. Deixar claro para eles que nos cenários deve conter algo que situe o tempo cênico ou





dramático. Esse é um momento propício para falar sobre como o tempo se apresenta no texto escrito e no texto encenado. Será uma atividade livre para que os estudantes deem asas à imaginação.

Eles poderão fazer maquetes, desenhos em cartolina, papel madeira, ou utilizarem os espaços da sala de aula para criarem cenários reais e, assim, estará motivando as habilidades artísticas dos seus pupilos, que estarão identificando o tempo e o espaço das cenas, diferenciando o espaço cênico do espaço dramático.

Após a finalização das tarefas, solicite para o encontro final lápis de cor, papéis coloridos, régua, tesoura, cola, cola quente, pistola para cola quente, cartolinas, papel madeira, fita adesiva, isopor, barbante, fotos que foram tiradas durante a realização do projeto de leitura do texto teatral, roupas, sapatos, maquiagem, linha, agulha e o que eles tiverem em casa que possam ser utilizados no encontro final. Esses materiais serão usados para confecção de um painel, caracterização de personagens, construção de cenários, decoração da sala de aula, culminando com a realização de uma mostra sobre leitura.



DICAS:

1 – Registrar todas as práticas vivenciadas pelos alunos desde a primeira cena em fotos e vídeos, pois serão importantes para a etapa final de suas atividades;

2 –Organizar grupos de alunos e ensaiar com eles cenas do texto, no decorrer da realização dos estudos, para que apresentem pequenas enquetes;





3 – Sortear alunos para serem seus assistentes para auxiliá-lo(a) na organização das tarefas;

4 – Solicitar à escola materiais que precisem ser comprados, pois muitas vezes os alunos não têm condições financeiras e podem se sentir constrangidos para falar.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos. (BRASIL, 2018, p. 153)

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p. 157)

Tempo proposto para execução: três aulas





4.5 CENA V: ALUNOS PROTAGONISTAS DO APRENDER FAZENDO

1

Gêneros Literários

- ÉPICO
- LÍRICO
- DRAMÁTICO

2

Texto Teatral - *Coeteris Paribus*

3

Elementos do Texto Teatral

- TEMPO
- ESPAÇO
- PERSONAGENS
- RUBRICAS
- AÇÕES
- CENAS

4

Formação de leitores literários

- PRAZER
- FRUIÇÃO
- CONHECIMENTO

5

Teoria e prática

6

Jogos dinâmicos

7

Teatro: A arte do encontro





Caro(a) colega, chegou o grande dia!

É o momento de apresentar para os demais professores, alunos, equipe diretiva, servidores e familiares o resultado do estudo do texto teatral alinhado às práticas do teatro, comprovando como é possível promover a leitura e o conhecimento de forma prazerosa, criativa e envolvente. Segue proposta de alguns passos que ajudarão na realização desse grande evento:

1 – Juntamente com seus alunos, decorem as paredes da sala de aula com cartazes contendo frases do texto, desenhos de passagens do texto criados pelos estudantes, assim como outras frases incentivando a leitura do texto teatral;

2 – Construção de um painel com as fotos tiradas durante a execução das atividades, associando cada foto ao momento que foi estudado determinado elemento do texto teatral;

3 – Exposição de cenários criados pelos estudantes;

4 – Os alunos, caracterizados de personagens do texto, explanarão sobre as etapas vivenciadas na leitura do texto teatral e estudo dos seus elementos composicionais por meio dos jogos teatrais;

5 – Escolha de um determinado momento na programação do evento para as apresentações das enquetes com base nas cenas do texto teatral vivenciado.

Com este trabalho, professor(a), estará evidenciando como o estudo do texto teatral nas aulas de Língua Portuguesa pode ser uma





ferramenta de grande poder no processo de ensino-aprendizagem e vivenciará uma experiência gratificante ao ver o envolvimento dos seus alunos, tirando-os das cadeiras para aprenderem fazendo, desfazendo os nós das mordanças que os silenciam e os tornam receptores de conteúdos para serem protagonistas do próprio conhecimento. Contribuirá não só na formação de leitores autônomos, mas na formação de seres mais confiantes em si mesmos, mais humanizados, mais fortalecidos para conviverem e superarem as adversidades da vida.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multisssemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea. (BRASIL, 2018, p. 153)

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc. (BRASIL, 2018, p. 184)

Tempo proposto para execução: duas aulas



5.

PALAVRAS FINAIS





5. **P**ALAVRAS FINAIS

Professor(a),

As práticas com jogos teatrais e as experiências com o texto teatral propostas neste Caderno Pedagógico, com metodologias mais atrativas, dinâmicas, com o intuito de promover uma aprendizagem mais efetiva e afetiva, despertarão o interesse dos seus alunos pela leitura literária e ressignificará o seu fazer pedagógico.

Somos sabedores do poder transformador que as práticas teatrais possuem e da importância do estudo do texto teatral na sala de aula, não só como recurso para auxiliar na formação leitora do aluno e assimilação de conteúdos de forma prazerosa, mas também por proporcionar o encontro consigo mesmo e com o outro, aceitando-o com suas diferenças, em que o preconceito não encontra espaço nas cenas que vivenciam, na história real de suas vidas.

Neste trabalho, que tem como propósito o estudo do texto teatral em sala de aula, alinhando teoria às práticas teatrais, são oferecidas sugestões para uma experiência metodológica mais dinâmica e participativa. São propostas que podem ser alteradas de acordo com o contexto em que serão utilizadas como, por exemplo, os sujeitos agentes das ações, a obra a ser trabalhada e a disponibilidade de tempo e espaço.

Que o prazer de ensinar e o prazer de aprender sejam fortalecidos neste encontro com o texto teatral e o teatro!





REFERÊNCIAS

ALBERTO, Cícero Bento dos Santos. **Coeteris Paribus**. Aracaju, 1983. No prelo.

_____. **Diálogo explanatório com Maria Normélia de Farias**. Aracaju, 2020

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Clássicos para o jovem leitor. Texto em português de Marques Rebelo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BETTI, Maria Silvia. **Da produção artesanal ao projeto cultural: o texto teatral**. São Paulo: Escolas Associadas, 2002.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília – DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 7 mar. 2020.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.





_____. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

CAMÕES, Luis de. et. al. De Camões a Pessoa: **antologia escolar da poesia portuguesa.** Org. Douglas Tufano. São Paulo: Moderna, 1993.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** In: _____. Trad. Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: FMG, 2009.

EEJPC. **Projeto Político Pedagógico.** Aracaju: EEJPC, 2020.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **O ensino da leitura na educação básica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HOMERO. **A Ilíada.** Clássicos para o jovem leitor. Texto em português de Nestor de Holanda. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. **Odisseia.** Série reencontro. Adaptação em português de Roberto Lacerda. São Paulo: Scipione, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 8. ed. São Paulo, 2015.



_____. ELIAS, Vanda Maria. “O texto na linguística textual”. In BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.) **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade e outros poemas**. São Paulo: Ediouro, 2002.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo**. Trad. Andréa Stahel M. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROIPHE, Alberto. Literatura em jogo: **proposições lúdicas para aulas de português**. Organizador: Alberto Roiphe. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020.

ROSENFELD, Anatol. **A teoria dos gêneros**. São Paulo: Perspectiva, 2004

PAVIS, Patricc. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.





PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o mediterrâneo e o atlântico, uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SEED (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/SE). **Referencial Curricular**: Rede estadual de Ensino de Sergipe. SEED: Aracaju, 2018

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Trad. e ver. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Trad. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro**: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016.





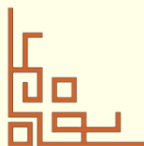
GLOSSÁRIO

Coeteris Paribus: Expressão que vem do latim e significa “todos juntos” ou “todos iguais”.

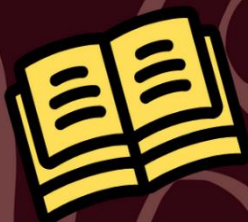
Coxias: Corredores que contornam a cena no palco do teatro.

Didascália: Instruções dadas pelo autor a seus atores para interpretar o texto dramático. São indicações cênicas ou rubricas.

Proscênio: Frente do palco.



ANEXO





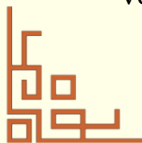
COETERIS PARIBUS

Texto de Cícero Alberto Bento dos Santos

Todos os atores estão deitados no palco em posição de feto. Um jato de luz é lançado em direção ao centro. Música. Todos começam a desenvolver o nascimento passando, em seguida, para os diversos estágios da aprendizagem do ser humano: arrastam-se, engatinham e, finalmente, aprendem a andar. Pesquisam o ambiente, curtindo os objetos do cenário. Depois descobrem os companheiros e fazem uma pesquisa de corpo (reconhecimento físico). Constroem a primeira forma do espetáculo. Ao terminar a música, começam a descobrir a voz: emitem as vogais acrescentando em seguida as consoantes. Falam as primeiras palavras (objetos que compõem o cenário). Após tudo isso, exteriorizam diversos sentimentos: frio, calor, interrogação, dúvida, admiração, etc. Formam a segunda forma para recitarem os primeiros textos do espetáculo.

PERSONA I — Não sabemos a origem dos homens. Pode ser que tenham vindo do mesmo ancestral dos macacos e também dos anfíbios e dos peixes. Tudo o que sabemos é que somos frutos de um número infinito de transformações dos organismos vivos, cuja a origem se perde nos arquivos empoeirados do tempo.

PERSONA II — Os conceitos e as teorias se projetam para a explicação de uma das maiores interrogativas já proposta pelos seres humanos, mas as respostas caem na incompleticidade que envolve a razão humana. No entanto a vida brotou sob a forma de vegetais, animais, seres inertes e seres humanos.





PERSONA III — E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começaram o grande conflito da existência e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças!

PERSONA IV — Vida e morte se confundem no mesmo palco na forma de um ato único que é comum a todos, não importando a posição que se ocupe na grande pirâmide social da existência. Temos um marco que assinala o começo, porém, desconhecemos o limite que anuncia o fim. Presenciamos e vivenciamos as transformações e acompanhamos com os olhos do espanto a continuidade de uma coisa chamada vida!

PERSONA V — A simplicidade nasceu de um voo de amor que gestou a fraternidade e a união de todos. A natureza se materializou para dar sentido e razão de ser a vida. Os animais completariam o cenário da existência do planeta Terra. A comunhão do mesmo pedaço de amor era do interesse de todos.

PERSONA VI — A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sede. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida.

PERSONA VII — Mas a tranquilidade dos primeiros momentos da Terra seria vista como monotonia e esta faria com que a vida fosse obrigada a optar por ações mais excitantes. O poeta louco que cantou o mundo em seus versos escritos com as tintas do amor, via, agora, a sua obra ser manchada por uma tinta nova e estranha que ficaria marcada para sempre na poesia da vida: a violência!





DESMANCHAM A FORMA E COMEÇAM A BRIGAR.
FICAM ESTÁTICOS E CONTINUAM O TEXTO, AO TEMPO
EM QUE ORGANIZAM A TERCEIRA FORMA.

PERSONA VIII — E nunca mais o equilíbrio seria uma realidade concreta na vida dos homens e das mulheres a quem o grande poeta louco confiara a obra de sua poesia. A força irá superar toda a fraternidade e opor-se-á a qualquer tentativa de união pacífica.

PERSONA IX — Os homens aprenderão a manipular uma arma invisível chamada poder e, com ela, causarão grandes injustiças e grandes genocídios. Pelo poder, esquecerão de suas mulheres e filhos e causarão à Terra toda a sorte de males.

PERSONA X — Aprenderão a fabricar armas para conquistar o poder e se farão respeitar pelo emprego da violência! Muitos serão os torturados da vida, os desaparecidos da noite que acalentaram o embrião da existência. Tornar-se-ão senhores do mundo e escravizarão outros homens.

QUARTA FORMA

PERSONA XI — Descobrirão a força de uma enfermidade chamada dinheiro e por ele farão coisas que a Terra gerará no seu silêncio mudo.

PERSONA XII — Fabricarão ideologias para legitimar qualquer ato desumano que faça prevalecer a força de uma coisa chamada status quo. Aprenderão a dar com uma mão e roubar ou tomar com a outra.

TODOS ROLAM POR TERRA. ALGUNS SAEM CORRENDO
PELA PLATEIA. MÚSICA. NO PALCO: UM GRUPO DE





PESSOAS ENTRA CHICOTEADO POR DUAS OU MAIS PESSOAS. COMEÇAM A TRABALHAR: UNS PLANTAM, OUTROS COLHEM, UNS CARREGAM PEDAÇOS DE TRONCOS DE MADEIRA, OUTROS, BLOCOS DE PEDRA. EXPRESSAM DOR, CANSAÇO E SOFRIMENTO. NA PLATEIA: UM ESCRAVO É CONDUZIDO POR UM FEITOR. UM GRUPO PEDE ESMOLAS AO PÚBLICO ENQUANTO UM HOMEM VAI AMASSANDO UM PEDAÇO DE PÃO. QUANDO VAI CONDUZIR-LO À BOCA, O FEITOR DÁ UM TAPA NA MÃO DO HOMEM E O PEDAÇO DE PÃO CAI POR TERRA. UMA PESSOA CAMINHA COM O OLHAR PERDIDO NO INFINITO ENQUANTO OUTRA SE ARRASTA PELO CHÃO. AO CHEGAREM AO PALCO FAZEM O MESMO TRABALHO DOS PERSONAGENS QUE JÁ ESTÃO LÁ. TERMINA A MÚSICA. UM PREFIXO ANTECEDE A CHEGADA DO CHEFE DA TRIBO COM SUA ESPOSA. TODOS SE CURVAM E RECUAM PARA AS LATERAIS, FORMANDO UM GRANDE “V”.

CHEFE — Veja, minha esposa, a felicidade de um povo que trabalha para o engrandecimento da sua tribo!

ESPOSA — Eu soube que seus homens maltratam muito essa gente.

CHEFE — Calúnias! Calúnias! Isso só pode ter partido de algum porco preguiçoso e incapaz! Nosso povo é um povo trabalhador e feliz, mas, se ainda tem dúvidas, pode você mesma perguntar a eles se isso é mesmo verdade.

ESPOSA — Não é preciso. Sei que você não mentiria para mim assim de uma maneira tão vil. Vamos embora.





CHEFE — Até logo, queridos amigos. Continuem trabalhando para o engrandecimento e segurança da nossa tribo. (SAI)

TODOS VOLTAM AO MESMO ESQUEMA DE ANTES;
UMA MULHER CAI E É IMEDIATAMENTE CHICOTEADA.
UM HOMEM REAGE.

TITUS — Não está vendo, seu cão imundo, que esta mulher está morta de cansaço?

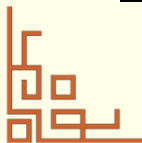
FEITOR — Volte para seu trabalho se não quiser levar umas duzentas chicotadas por indisciplina!

TITUS — Olha aí, gente, o que eles querem fazer conosco! Nos massacram neste trabalho miserável... (RECEBE UM TAPA DO FEITOR)

FEITOR — Cale essa maldita boca, imbecil! Volte para o seu lugar! (EMPURRA-O PARA O GRUPO QUE CORRE EM SEU SOCORRO) E vocês, seus tolos, voltem ao trabalho e nada de reclamações! Quanto a você, seu cretino, nunca mais ouse romper a ordem aqui. Entendeu bem? (SAI)

TODOS RETORNAM ÀS ATIVIDADES. BLACKOUT. LUZES NOTURNAS. O CHEFE ESTÁ SENTADO AO LADO DA ESPOSA. O RESTO DO ELENCO ESTÁ ESPALHADO PELO PALCO EM GRUPOS ISOLADOS. NA RIBALTA, TITUS E OUTRO HOMEM CONVERSAM EM PANTOMIMA. LUZES MAIS VIVAS. UMA BAILARINA ENTRA DANÇANDO ENQUANTO DUAS MULHERES SERVEM COMIDA E BEBIDA. APÓS A DANÇA, ENTRA O SACERDOTE TRIBAL.

CHEFE — Como vai, ilustre sacerdote?





SACERDOTE — Um pouco preocupado.

CHEFE — E o que tanto o preocupa?

SACERDOTE — O feiticeiro da tribo previu uma grande seca sobre a nossa tribo.

CHEFE — Ora, amigo, isso para nós não constituirá problema. Temos muito trigo estocado. Poderemos suportar a crise sem grandes problemas. Vejo aí uma boa oportunidade para conquistarmos aquelas tribos do sul. Eles nunca se preocupam em armazenar nada. Será fácil conquistá-las quando famintos.

SACERDOTE — Você está esquecendo de um detalhe importante.

CHEFE — Quem irá enfileirar o nosso exército?

SACERDOTE — Exatamente. Quem?

CHEFE — Ora, quem? O povo, é claro!

SACERDOTE — Convocar o povo na situação em que ele está é um desafio. Temos um bando de gente faminta que trabalha mais do que descansa. Como poderemos formar um exército com gente cansada e faminta e que ainda por cima poderá até se revoltar contra o seu próprio chefe!

CHEFE — Você tem razão. Não havia me apercebido desse detalhe. Mas deixemos esse problema de lado e vamos beber. A guerra fica para mais tarde. (BATE PALMAS) Meninas, dancem para nós e vocês tragam mais vinho.





AS BAILARINAS DANÇAM. APÓS ESTA CENA, O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE SE RETIRAM. AS BAILARINAS QUE HAVIAM SAÍDO ANTES SE JUNTAM AOS GRUPOS.

HOMEM 1 — Fale baixo... Ninguém pode ouvir isso que você está me dizendo! Se te pegam dizendo essas bobagens...

TITUS — Bobagens?! Desde quando a miséria da gente é bobagem? Precisamos fazer alguma coisa e rápido!

HOMEM 1 — Uma andorinha só não faz verão.

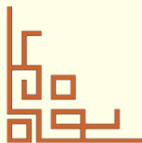
TITUS — Mas se organizarmos a tribo poderemos, juntos, reivindicar todos os nossos direitos.

HOMEM 1 — Acho difícil conseguir isso. Esse povo sofre que nem burro de carga, mas ninguém tem coragem de se arriscar para mudar as coisas.

TITUS — Não quero culpar o povo pois ele é conduzido para se comportar assim.

HOMEM 1 — Eu gostaria de poder ajudar, porém, tenho mulher e filhos... Uma reação contra o chefe pode terminar mal... Desculpe, mas para mim não dá!

TITUS — Pois eu não vou desistir. Antes a ameaça de morte do que a certeza de nunca poder mudar isso. Escutem aqui... (TODOS SE VOLTAM PARA ELE) Temos que dar um jeito de melhorar a nossa situação nessa tribo. Esse chefe nos explora até última gota de sangue. Seus feitores espancam nossos homens e nossas mulheres. Falta-nos tudo: roupas, comida, descanso. Não





podemos permitir que mais feridas sejam abertas em nossos corpos além das que já possuímos!

PERSONA I — Isso mesmo! Ninguém aguenta mais esta vida!

PERSONA II — Chega! Ninguém aguenta mais a miséria.

PERSONA III — E como faremos?

TITUS — Iremos todos ao palácio da tribo e reivindicaremos diretamente ao chefe todos os nossos direitos!

PERSONA I — Então vamos pegar nossas armas porque se reagirem contra nós com violência, quebraremos o pau nas costas deles!

TITUS — Não, nada de armas e muito menos violência. Não podemos e não devemos vestir a mesma roupa dos nossos opressores. Eles também são oprimidos porque não permitem a liberdade dos outros.

PERSONA I — Guardem as armas e vamos ao Palácio do Sol!

TODOS SAEM PELA PLATEIA CONDUZIDOS POR TITUS.
APÓS A MÚSICA QUE SERVE DE FUNDO À ESTA CENA,
O CHEFE ENTRA NO RECINTO COM ALGUMAS
CRIADAS.

CHEFE — Ai, sua tirana, quer fazer churrasco dos meus belos dedos?

CRIADA — Desculpe-me, chefe!

CHEFE — Onde está a minha esposa?





CRIADA — Ainda dorme, senhor.

CHEFE — Mulheres... Todas dorminhocas! Acho que todas as mulheres deveriam trabalhar duro... AI! Assim já é demais! Se me machucar outra vez vou mandar o feitor lhe dar quinhentas chicotadas! Tirana!

DEPOIS QUE TERMINA A SUA HIGIENE, O CHEFE DISPENSA A CRIADAGEM E COMEÇA A DANÇAR COM GESTOS EFEMINADOS. AO FINAL DA MÚSICA, OUVI-SE O BARULHO DAS VOZES DO POVO. ENTRA O SACERDOTE.

SACERDOTE — Chefe! Chefe! Desculpe-me por interrompê-lo em pleno lazer, mas é que há uma rebelião!

CHEFE — Rebelião? Rebelião de quem?

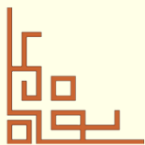
SACERDOTE — Do povo! Está tentando invadir o palácio!

CHEFE — Oh, eu acho que vou desmaiar! Por favor, tragam os meus saís de cheiro! (A CRIADA APARECE COM UM PEQUENO VIDRO NA MÃO) Ligeiro, sua barata tonta! (DESTAMPA E CHEIRA) E o que vamos fazer, sacerdote?

SACERDOTE — Como estamos desguarnecidos aqui no palácio, vamos permitir que entrem!

CHEFE — Mas isso é uma loucura!

SACERDOTE — Não vejo outra saída, chefe!





CHEFE — Então o que está esperando? Mande o povo entrar mas, por favor, acalme-lhe os ânimos.

O SACERDOTE SAI E RETORNA SEGUIDO DO POVO

CHEFE — O que há, meus caros amigos?

TITUS — Estamos cansados dos maltratos que vivemos sofrendo com o trabalho forçado que somos obrigados a fazer, com a falta de comida em nossas casas, com a falta de agasalhos. Queremos a nossa liberdade! Nunca houve escravidão entre nossos ancestrais!

TODOS — Queremos pão e justiça social!

CHEFE — Calma! Calma! Podemos resolver tudo isso. Vocês têm razão. Sacerdote, por favor, escreva o que vou dizer: fica decretado que a partir de agora ficam suspensos todos os castigos de trabalho aplicados pelos feitores. Estes devem evitar todo e qualquer atrito com os trabalhadores. Toda a tribo deve ter acesso aos armazéns de comida e receber peles quando precisarem de roupas. Pronto. Deixe-me colocar o meu símbolo. Pronto. Agora voltem para as suas casas e tudo voltará ao normal.

TITUS — Espero que tudo seja cumprido.

O POVO SAI. EM CENA FICAM APENAS O CHEFE E O SACERDOTE.

CHEFE — Você viu que desrespeito a mim?

SACERDOTE — Não tinha outra alternativa, chefe.





CHEFE — Mas isso não vai ficar assim! Temos que encontrar um meio de mostrarmos a esses imbecis que eu ainda sou o chefe!

SACERDOTE — Isso não será difícil. Basta esperarmos o momento certo para poder agirmos.

CHEFE — Só espero que esse momento não demore muito senão daqui uns dias eles vão querer me tomar o poder.

SACERDOTE — Não chegarão a tanto. Conheço o nosso povo. O que foi concedido é o bastante. Acho que devemos convidar o povo para as festividades do deus Sol. Será uma boa maneira para você se mostrar um bom chefe.

CHEFE — Excelente ideia!

SACERDOTE — Amanhã mando a ordem pelo feitor.

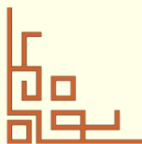
BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O POVO ESTÁ NO PALCO TRABALHANDO.

HOMEM 1 — É... parece que eles cumpriram a palavra.

TITUS — Acho que o chefe vai aprontar alguma coisa. Ele não ia se dobrar assim, sem mais nem menos.

HOMEM 1 — Você já está exagerando com seu radicalismo exacerbado!

TITUS — Pode ser, mas não estou nada satisfeito. Sei lá... Ele nem sequer contestou nossas reivindicações e foi logo assinando aquela ordem...





HOMEM 1 — Vamos continuar o nosso trabalho. Pare de ficar inventando problemas. Como você viu, logo cedo, as nossas famílias foram buscar alimentos e foi distribuído o mesmo que mandam lá para o palácio. (APARECE O FEITOR)

FEITOR — O chefe da tribo manda convidar a todos para as festividades no templo do deus Sol. Todos participarão dos rituais e da grande festa.

TITUS — Agora é que eu não entendo mais nada! Primeiro aquilo tudo que nos concederam ontem, agora o convite para a festa do templo.

HOMEM 1 — Deixe de ser venenoso, Titus, agora está tudo bem.

TITUS — Sei não... Estou achando muita abelha para pouco mel!

HOMEM 1 — Acho que a sua desconfiança está indo longe demais!

BLACKOUT. O FEITICEIRO DA TRIBO ENTRA ACOMPANHANDO O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE. AS MULHERES CONDUZEM VASOS COM FLORES E OS HOMENS LANÇAS E TACAPES. APÓS O RITUAL ACONTECE A FESTA. À CENA, DEVE SER DADA UMA CONOTAÇÃO SEXUAL FEITA ATRAVÉS DE EXPRESSÃO. DEPOIS DA DANÇA TODOS RIEM EXTASIADOS E CONVERSAM PARALELAMENTE FAZENDO UM GRANDE BARULHO. OUVI-SE O RUÍDO DE UMA GRANDE EXPLOSÃO. TODOS PARAM ATÔNITOS. COISAS COMEÇAM A DESMORONAR. O PÂNICO TOMA CONTA DA CENA. COMEÇAM A CORRER DE UM LADO





PARA OUTRO PROCURANDO PROTEÇÃO CONTRA OS OBJETOS QUE CAEM DO ALTO. APÓS A PARTE INSTRUMENTAL DA MÚSICA, TITUS E O HOMEM 1 SOCORREM OS FERIDOS. POUCO A POUCO TODOS VÃO SE RECUPERANDO DA TRAGÉDIA. VÃO SAINDO LENTAMENTE, AJUDANDO UNS AOS OUTROS. O PALCO FICA VAZIO. BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O CHEFE DIALOGA COM O SACERDOTE.

CHEFE — Três dias sem a luz do sol! Três dias sem trabalho, sem caça, sem pesca... O mar está furioso e devora as embarcações ancoradas! O que está acontecendo? O que está acontecendo?

SACERDOTE — Sinceramente não tenho uma resposta para lhe dar. As coisas que provocaram a evasão da luz do sol me são completamente desconhecidas! Só pode ser um castigo!

CHEFE — Castigo? Como? Ora, fizemos os rituais para o deus Sol, não negligenciamos em nada. Como poderia ele nos castigar se procuramos não falhar em nada?

SACERDOTE — Só pode ser um castigo! Não consigo encontrar outra explicação!

CHEFE — Tem que haver uma explicação! Nossos ancestrais narraram fatos semelhantes em seus escritos.

SACERDOTE — Mas nunca explicaram as causas! Há muitos anos, talvez séculos, que não tem ocorrido nada parecido com isso.

CHEFE — Agora o povo se revoltará contra mim para cobrar a luz! Estamos metidos numa boa enrascada!





SACERDOTE — Continuo achando que isso é um castigo do deus Sol. Não iria nos acontecer algo se não tivéssemos dado algum motivo. Precisamos descobrir o que fizemos de grave e procurar resolver o nosso debito com o Sol. Caso contrário, ele destruirá a todos e será o fim da nossa tribo.

CHEFE — E o que você propõe?

SACERDOTE — Talvez seja necessário um sacrifício humano!

CHEFE — Sacrifício humano?! Mas não fazemos isso há anos!

SACERDOTE — Eu sei, porém, para acalmar a fúria do deus Sol, é necessário que uma vida humana seja sacrificada!

CHEFE — Se é assim... Espere! Tive uma grande ideia. Acho que podemos matar dois coelhos de uma cajadada só. Acho que podemos castigar o povo pela humilhação que me fez passar. Podemos pegar como vítima a irmã do tal Titus!

SACERDOTE — E provocar uma nova revolta? Não, não acho que seja um meio viável.

CHEFE — Claro que é viável. Você irá se disfarçar e vai colocar o povo contra Titus. E inventará que o Sol está revoltado contra o povo porque faltou com o respeito ao chefe da tribo e dirá, ainda, que descobriu que para acalmar o nosso deus Sol, será preciso um sacrifício. E já sabe quem serão as vítimas, não?

SACERDOTE — Titus e a irmã. Está aí uma coisa que pode dar certo. Vou tentar.





CHEFE — Disfarce-se de estrangeiro e diga ao povo que conversou com o sacerdote do templo... sei lá... invente qualquer coisa que faça o povo ficar contra Titus. Tome cuidado para não ser reconhecido.

BLACKOUT. O POVO ESTÁ NUM MESMO PLANO. SUBDIVIDIDO EM PEQUENOS GRUPOS; O SACERDOTE VAI CHEGANDO SORRATEIRAMENTE.

SACERDOTE — Boa noite... Alguém pode arranjar uma caneca de café para um pobre e faminto forasteiro?

HOMEM 1 — Claro. Sente-se que irei providenciar. Aqui está.

SACERDOTE — Obrigado. Puxa, como está frio!

HOMEM 1 — Tome, cubra-se com este pedaço de couro. De onde você vem, forasteiro?

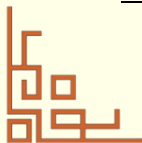
SACERDOTE — Estava vindo do sul e indo para o norte quando fui atacado por esta escuridão. Como estava nos arredores desta tribo, vim pedir arrimo aqui. Fui até o templo de vocês pedir socorro e fui informado que a tribo está sendo castigada.

HOMEM 1 — Castigada? Quem falou isso?

SACERDOTE — O sacerdote do templo. Disse que o sol está irado e que só ficará calmo com o sacrifício de uma pessoa.

HOMEM 1 — Titus, venha até aqui. Este homem afirma que foi informado de que esta escuridão é um castigo e que o deus Sol está exigindo um sacrifício humano!

TITUS — Eu sabia que alguma coisa estava errada!





HOMEM 1 — Como sabia?

TITUS — Vocês não percebem que tudo isso é uma jogada? Eles estão querendo voltar atrás nas concessões que nos fizeram!

SACERDOTE — Não posso dar nenhum palpite pois sou um estranho entre vocês.

HOMEM 1 — Titus, e se for mesmo verdade? Com certeza eles vão querer punir a gente escolhendo como sacrifício um de nós!

TITUS — Não permitiremos isso, pois é um tremendo absurdo!

MULHER 1 — E sua irmã, onde está?

TITUS — Naquele grupo ali. Por que?

MULHER 1 — Precisamos saber isso direitinho. Se for por causa da rebelião, então você é o responsável!

TITUS — Ora, minha senhora, não diga bobagens! A senhora mesma é conhecedora dos nossos problemas. Por que o deus Sol nos castigaria por lutarmos juntos pelos nossos direitos?

HOMEM 1 — Nós invadimos a casa do chefe e ele é o representante do deus Sol. Pode ser que ele tenha se irritado por isso.

TITUS — Não vão querer me culpar agora, certo? Ora, se o Sol nos castiga por lutarmos pela justiça, então ele é tão sacana quanto o chefe e toda aquela corja lá do palácio!





MULHER 1 — Você é muito atrevido! Não duvido que o deus Sol esteja protestando contra a sua rebeldia! Que tipinho presunçoso.

HOMEM 1 — Calma, gente!

TITUS — Vocês são livres para pensarem como quiserem. Eu insisto: se o Sol nos pune por lutarmos contra a miséria, ele é tão injusto quando aquele que nos oprime!

UMA GRANDE EXPLOÇÃO É OUVIDA. NOVAMENTE O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. UMA MULHER FERIDA É TIDA COMO MORTA. DEPOIS QUE O TREMOR PASSA...

HOMEM 2 — Lina! Lina! Onde está você? Oh, não! Lina! Lina!

HOMEM 1 — Ela está morta...

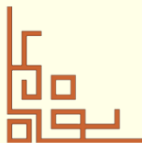
HOMEM 2 — Não! Não! Minha Lina! Foi você, (VIRA-SE PARA TITUS) seu cão maldito, com sua raiva miserável! Foi você quem matou minha Lina!

TITUS — Eu não tenho culpa de nada! Poderia ter acontecido também comigo ou com a minha irmã.

HOMEM 2 — O deus Sol deve beber o sangue desses infelizes antes que a rebeldia deles nos atinja a todos!

SACERDOTE — Prendam este maluco e a irmã dele também!

TITUS — Não toquem na minha irmã!





HOMEM 1 — Sinto muito, mas não posso deixar de apoiar esta gente. Você foi longe demais e tivemos a prova de que o Sol desaprova as suas atitudes. Prendam-no!

IRMÃ — Larguem meu irmão, seus covardes!

TITUS — Façam comigo o que quiserem, mas não machuquem minha irmã!

HOMEM 2 — Vamos levá-los ao palácio e oferecê-los como sacrifício ao nosso deus Sol. Tenho certeza que depois de destruí-los, a luz voltará para nós outra vez!

O SACERDOTE SAI PELO PALCO. A COMITIVA SAI PELA PLATEIA. AO CHEGAREM AO PALCO VÃO SE ACOMODANDO PARA RECEBER O CHEFE. NUMA CENA PARALELA, O SACERDOTE RETIRA O DISFARCE E CONVERSA COM O CHEFE.

CHEFE — E então? Conseguiu alguma coisa?

SACERDOTE — Mais que isso. Já temos as vítimas para o sacrifício. Um tremor de terra encarregou-se do resto. Uma mulher morreu e todos se voltaram contra o tal Titus e a irmã dele.

CHEFE — Excelente! Excelente!

SACERDOTE — Agora todos estão à sua espera lá no salão de reuniões.

CHEFE — Então vamos resolver isso logo. Venha.

AO RECEBER O CHEFE, O POVO SE CURVA. TITUS E A IRMÃ ESTÃO AMARRADOS E ESTIRADOS NO CHÃO.





CHEFE — Meus caros amigos, lamentavelmente, o deus Sol está nos castigando pela rebeldia que aconteceu em nossa pacífica tribo há alguns dias atrás. Nossos sacerdotes videntes afirmam que o Sol só acalmará a sua fúria se oferecermos a ele um grande sacrifício! Porém, não quis escolher ninguém para que a minha atitude não soasse como um ato de arbitrariedade. O que faremos?

HOMEM 2 — Já temos a oferenda para o nosso amado deus Sol: estas duas criaturas malditas! Por causa deles eu perdi minha esposa!

CHEFE — Farei o sacrifício se for da vontade de todos!

TODOS — Queremos ofertar estas duas vidas ao nosso deus Sol para que a sua luz volte a brilhar em nossa tribo.

CHEFE — Vocês estão bem conscientes disso?

TODOS — Estamos, amado chefe!

CHEFE — Então vamos conduzi-los num grande cortejo para o templo do nosso amado deus Sol!

APLAUSOS. TODOS SAEM PELA PLATEIA. NO ROL DO TEATRO SE PREPARAM PARA O CORTEJO DO SACRIFÍCIO. COLOCAM A IRMÃ DE TITUS EM CIMA DE UM BANGUÊ E SOBRE A SUA CABEÇA UMA COROA DE FLORES. TITUS VAI AMARRADO CONDUZIDO PELO FEITOR QUE LHE DÁ CHICOTADAS. OS HOMENS LEVAM LANTERNAS LUMINOSAS; AS MULHERES, VASOS COM FLORES. À FRENTE DO CHEFE O FEITICEIRO DA TRIBO VAI FAZENDO EVOLUÇÕES PELA PLATEIA, EXPLORANDO TODOS OS ESPAÇOS. A IRMÃ





DE TITUS GRITA E SE AGITA EM CIMA DO BANGUÊ. AO CHEGAR AO PALCO, O FEITICEIRO PEGA UM FACÃO E FICA FAZENDO EVOLUÇÕES ENQUANTO O SACERDOTE ARRUMA AS VÍTIMAS PARA O SACRIFÍCIO. AMARRAM TITUS NUM TRONCO E COLOCAM A MOÇA EM CIMA DE UMA MESA. DEPOIS DE TUDO PRONTO, O FEITOR (OU MAIS DE UM) SERVE BEBIDA AO POVO E ESTE COMEÇA A DELIRAR. TITUS SE ESFORÇA PARA SE LIBERTAR DAS CORDAS; MÚSICA. TODO MUNDO DANÇA DESCOORDENADAMENTE. INTERROMPE-SE A MÚSICA E VÁRIOS SONS SÃO OUVIDOS. TODOS FICAM APREENSIVOS. DÁ-SE O 3º TERREMOTO. COISAS COMEÇAM A CAIR DO URDIMENTO. O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. GRITAM DESESPERADOS. TITUS CONSEGUE SE SOLTAR E CORRE PARA LIBERTAR A SUA IRMÃ

HOMEM 1 — Calma! Calma! É apenas um tremor de terra!

IRMÃ — Titus, vamos sair daqui! Isso vai desmoronar e matar todo mundo!

TITUS — Não podemos abandoná-los! Estão muitos feridos!

IRMÃ — Eles queriam nos matar...

TITUS — Eu sei, mas não podemos deixar que pessoas morram quando podemos salvá-las! Venha, ajude-me.

O CHEFE ESTÁ ENCOSTADO NUMA DAS PAREDES COM OS OLHOS ARREGALADOS E PARALISADOS DE MEDO. O SACERDOTE, AOS SEUS PÉS, GEME. A ESPOSA DO CHEFE ESTÁ CAÍDA PRESA POR ALGUMAS PEDRAS.





DEPOIS QUE TODOS SÃO EVACUADOS, TITUS PERCEBE O CHEFE E O SACERDOTE. DEPOIS DOIS HOMENS AJUDAM O SACERDOTE. TITUS AJUDA A MULHER DO CHEFE, RETORNANDO EM SEGUIDA PARA SOCORRER O CHEFE.

TITUS — Venha, chefe. O templo está desabando e o senhor irá morrer se não sair daqui e já!

CHEFE — Eu... eu não consigo andar! Minhas pernas não me obedecem!

TITUS — Eu ajudo. Vamos!

CHEFE — Por que está fazendo isso por mim? Quase o matei! Tem agora uma boa oportunidade para me destruir e assumir o comando desta tribo.

TITUS — Vamos sair daqui antes que sejamos esmagados!

CHEFE — Não, eu vou ficar aqui! O povo se revoltará e vai querer me castigar!

TITUS — Castigá-lo? Ora, não seja tolo. Ninguém tem culpa se a natureza também sofre transformações.

CHEFE — Isso é um castigo! Será que você não percebe isso? Como vou explicar para o povo que tudo isso é fruto das transformações da natureza se já disse que era um castigo do deus Sol?

TITUS — É só confessar a verdade.





CHEFE — Você está querendo que eu assine a minha sentença de morte?

UMA PEDRA DESABA E TITUS EMPURRA O CHEFE PARA QUE O BLOCO SÓLIDO NÃO O ESMAGUE. PEGA-O E COLOCA-O SOBRE OS OMBROS. BLACKOUT. TODOS ESTÃO EM CENA: UNS GEMEM, OUTROS CHORAM; OUTROS SOCORREM OS FERIDOS.

HOMEM 1 — Estamos passando por tudo isso por sua culpa, Titus! Se não tivesse provocado tanta desordem estaríamos livres disso tudo.

HOMEM 2 — É isso mesmo. Por sua causa eu perdi minha esposa! Pobre Lina.

TITUS — Eu sinto muito por tudo o que aconteceu a vocês, mas não tenho culpa de nada. O que estamos atravessando é um fenômeno da própria natureza e não um castigo.

HOMEM 2 — Mentira! Ele quer tirar a responsabilidade de seus ombros!

TITUS — Ao invés de ficarmos aqui procurando apurar a culpa dos outros, devemos agasalhar os feridos e procurar protegê-los no caso de um outro desmoronamento. Discutiremos isso depois.

TODOS OBEDECEM.

CHEFE — Por que não lhes mostrou o verdadeiro culpado, Titus?

TITUS — Não sou eu, chefe, quem deve apontar os seus erros. É o senhor mesmo.





CHEFE — Eu não tenho coragem embora reconheça que é o que devo fazer.

TITUS — Não perca mais tempo. O povo merece uma explicação e mais o do que isso, uma solução!

CHEFE — Atenção todos... Devo a vocês uma explicação... Não é fácil para mim, mas preciso falar. Estamos passando por um fenômeno causado pela natureza. Essa escuridão, esses tremores de terra... Não se trata de nenhum castigo do deus Sol, mas de um fenômeno natural que não podemos explicar nem entender.

HOMEM 1 — Mas soubemos que os sacerdotes disseram que tudo isso aconteceu porque Titus se rebelou contra o senhor, o filho do Sol!

CHEFE — Na verdade isso foi ideia minha! O medo que tive em perder o poder me fez agir soberbamente.

HOMEM 2 — Quer dizer que o Titus é inocente! E pensar que quase o matamos!

CHEFE — Lamentavelmente eu fui o causador de tudo. Façam o que quiser comigo. Só peço que não maltratem a minha esposa. Ela nunca partilhou das minhas maldades.

TITUS — O chefe errou e errou muito, minha gente, mas merece uma chance de reparar toda a opressão que cometeu. A nossa tribo sempre foi unida e nunca houve distinção entre chefes e seus comandados. Portanto, devemos esquecer todos esses acontecimentos ruins que nos tiraram a paz e recomeçar partindo do nada. Juntos poderemos fazer esta tribo crescer.





HOMEM 2 — Mas ninguém devolverá a vida da minha mulher! É fácil falar em união, mas esta não pode sarar as feridas que nos fizeram sofrer e perder as coisas que amamos!

APARECE UMA MULHER CAMBALEANDO. TODOS ARREGALAM OS OLHOS ESPANTADOS.

MULHER 2 — Vico... Vico...

HOMEM 2 — Lina! Você está vida... você está viva!

TITUS — Que bom! Que bom!

MULHER 2 — Eu estava apenas desmaiada quando vocês me deram por morta... Quando voltei a mim estava sozinha e por sorte não fui esmagada com aquele último terremoto. E o resto da tribo?

HOMEM 1 — Muitos estão feridos, mas não morreu ninguém. Podemos recomeçar a nossa conversa com o chefe. Titus tem razão. Devemos deixar que o chefe mostre que pode conduzir a tribo sem opressão, sem injustiças, sem misérias...

TITUS — Todos concordam?

TODOS — Concordamos! Concordamos!

CHEFE — Eu prometo que vou mudar e fazer desta tribo uma comunidade de irmãos. Eu estou me sentindo livre porque consegui me livrar do medo de perder o poder. Perdi o desejo ambicioso de dominar tudo e a todos. Sinto-me agora um de vocês. Devo agradecer isso a um homem que é verdadeiramente um homem: Titus! Se não fosse ele, não sei o que seria de nós!





TODOS APLAUDEM TITUS. TROCAM ABRAÇOS. EM SEGUIDA, O CHEFE DÁ UM GRANDE ABRAÇO EM TITUS. CHORAM CONVULSIVAMENTE. A LUZ VAI AUMENTANDO E UM GRANDE DISCO SOLAR COMEÇA A DESCER LENTAMENTE DO URDIMENTO.

TODOS — O sol está voltando! O sol está voltando!

O DISCO SOLAR PARA NO CENTRO DA ROTUNDA. TODOS SE ABRAÇAM E, DE MÃOS DADAS, FICAM NO CENTRO DO PALCO. FAZEM A ÚLTIMA FORMA DO ESPETÁCULO. AS PERSONAS RECITAM OS ÚLTIMOS TEXTOS.

PERSONA I — A liberdade é a realização maior dos homens, mas é também o compromisso, o respeito e a responsabilidade para com tudo e com todos.

PERSONA II — Os homens ainda podem transformar o mundo numa comunidade de irmãos, onde todos irão respirar o mesmo amor, a mesma fraternidade, a mesma paz.

PERSONA III — A violência é a arma dos incapazes e nunca será o caminho certo para aproximar e libertar os homens.

PERSONA IV — A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas.

PERSONA V — A liberdade não se recebe de graça. A liberdade se conquista!





DESAZEM A FORMA. MÚSICA FINAL. TODOS RUMAM PARA O CENTRO DO PALCO, FORMANDO UM GRANDE GRUPO. TROCAM ABRAÇOS E DEPOIS DESENVOLVEM FORMAS CORPORAIS ATRAVÉS DE EXPRESSÕES. NOS SEGUNDOS FINAIS DA MÚSICA, FICAM TODOS DE MÃOS DADAS, NUMA LINHA HORIZONTAL, NO CENTRO DO PALCO. BLACKOUT. AO RETORNAR A LUZ TODOS ESTÃO NA RIBALTA PARA O AGRADECIMENTO FINAL AO PÚBLICO.

F I M

